

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: Kaiapó/Raoni

Data: 26/01/86

Pg.: 01 e 20 369

Foto de Rogério Medeiros



Ao fim do banho, Raoni considerou Ruschi livre do veneno do sapo. (Página 20)

Ruschi se diz curado, jovem, doido para comer de tudo

"Estou como um jovem, doido para comer de tudo", foi logo dizendo o naturalista Augusto Ruschi aos jornalistas que o aguardavam à sombra das árvores na área de acesso à casa de seu sogro no Parque da Cidade, para a entrevista ao fim dos rituais para retirar-lhe o veneno de um sapo dendrobata.

— Contra os fatos não há argumentos — sentenciou. — Eu estava mal, sem fôlego, com dificuldades para caminhar, hemorragias nasais, e agora estou aqui bem, dormindo muito bem, comendo bem, depois de ser tratado pela medicina indígena.

A maioria das perguntas foi em torno do processo usado pelos índios: "Não será curandeirismo? O senhor tem fé na religião dos índios?"

— Se não tivesse, não estaria conversando mais uma vez. E não se trata de curandeirismo, como vocês querem caracterizar o tratamento. É medicina popular, usada há milênios. Entre os índios, ninguém morre de mordedura de cobra, porque eles sabem como tratar disso. E também sabem como tratar de veneno de sapo. No meu caso, eles já tiraram.

Ruschi disse que, tendo o veneno chegado

ao sistema circulatório, nada conseguiria tirá-lo de lá pela alopatia.

— Mas na medicina dos índios — ressaltou — ele sai. O fígado ficou danificado; para ficar bom, só tratando de trocar por um de macaco.

O cacique Raoni fez um discurso em defesa da cultura e das terras indígenas, lembrando a necessidade de o governo impedir que fazendeiros se apossassem delas. Ao final, apertou a mão do professor e diagnosticou:

— O professor já está sem veneno. O professor vai ficar bom.

Foto de Custódio Coimbra



Na entrevista no Parque, Raoni assegura que a medicina de Sapaim retirou o veneno do corpo de Ruschi

Raoni garante que "não tem mais sapo"

Rogério Medeiros

— Professor! Acabou. Não tem mais sapo.

Eram 10 horas e um minuto de ontem quando o pajé Sapaim, com um largo sorriso, anunciou ao cientista Augusto Ruschi o fim da pajelança, pois estava curado do veneno inoculado por sapos dendrobatas que ele apanhara em 1975 na Serra do Navio, no Amapá. Ruschi recebeu a notícia com outro largo sorriso, repetido na direção do escritor Rubem Braga, seu velho amigo e único convidado, ontem, para o ritual.

— Agora, professor — recomendou Sapaim — só banho. Banho até acabar a erva. Raoni vai dar banho hoje (ontem). Mas os outros, sua mulher pode dá. Ela já mostrou que sabe fazer direitinho.

Enquanto Raoni procurava um canto para descansar, Rubem e Ruschi conversaram descontraidamente. O naturalista dava sua impressão sobre todo o tratamento a que se submeteu, nas mãos dos pajés do Alto Xingu: "Ninguém pode tratar melhor de um veneno do que eles. E eu quero ficar livre de desse veneno que está no meu sangue, e que provoca as hemorragias nasais, que, há mais de um ano, não me deixam dormir."

— O fígado — recordou para o amigo — eu sei que já aguentou impudismo, esquistossomose, muito medicamento tóxico e não vai se curar. Mas pode ficar do jeito que está, não progredindo mais. Eu não estou deixando de tomar os medicamentos alopatas. Não estou brincando com a minha saúde, tanto que estou nas mãos de quem sabe tratar de veneno. Os índios têm uma medicina milenar.

Com a chegada de Sapaim, Ruschi pediu-lhe para "tirar a barriga do escritor". Entendendo a brincadeira, Sapaim prometeu que tirava logo.

Rubem Braga, que só presenciou o último ritual, o de apenas 20 minutos, queria conhecer tudo. Vira por quatro vezes a retirada do corpo do cientista do veneno dos sapos, em quantidades muito pequenas e finas. Sapaim explicou que desta vez o ritual foi curto porque praticamente já não havia veneno no organismo de Ruschi. "Pouquinho, pouquinho, tirou muito pouquinho, acabou."

Depois Sapaim foi para uma varanda interna da casa do sogro de Ruschi para conversar sobre um sonho com Mariande, mulher do naturalista. Enquanto isso, Raoni cumpria a sua tarefa final no processo de cura, dando banho em Ruschi. Ao contrário das vezes anteriores, não usou a mão, mas uma cuia de coco, e enxugou o cientista com uma toalha marrom.

Após o banho, o cientista Augusto Ruschi comentou com Rubem Braga: "Eles põem essas ervas, o meu corpo aquece; depois de certo tempo, saem dos poros substâncias diferentes, uma coisa

escura, rala. Olha, eu me sinto muito bem depois deles. Acho que têm o poder de eliminar o veneno." E perguntou se o escritor chegara a ver a substância retirada, que os índios asseguram ser veneno de sapo. Rubem respondeu afirmativamente.

A família do cientista ofereceu aos presentes um lanche predominantemente de frutas: melancia e uvas. Contento com a melhora da saúde do marido, Mirilande fez questão que toda a família posasse para fotografias com os índios. Falava do apetite que voltou e, principalmente "uma cara alegre dentro de casa".

— Antes — lembrava — ele vivia pelos cantos cheio de dor, com o rosto marcado.

Para agradecer da forma mais carinhosa que lhe era possível, colocou o filho, Piero, de apenas

um ano e meio, no colo de Raoni e, depois, de Sapaim. Depois, beijou no rosto os dois pajés, dizendo "muito obrigado por terem devolvido a alegria pela vida do meu marido".

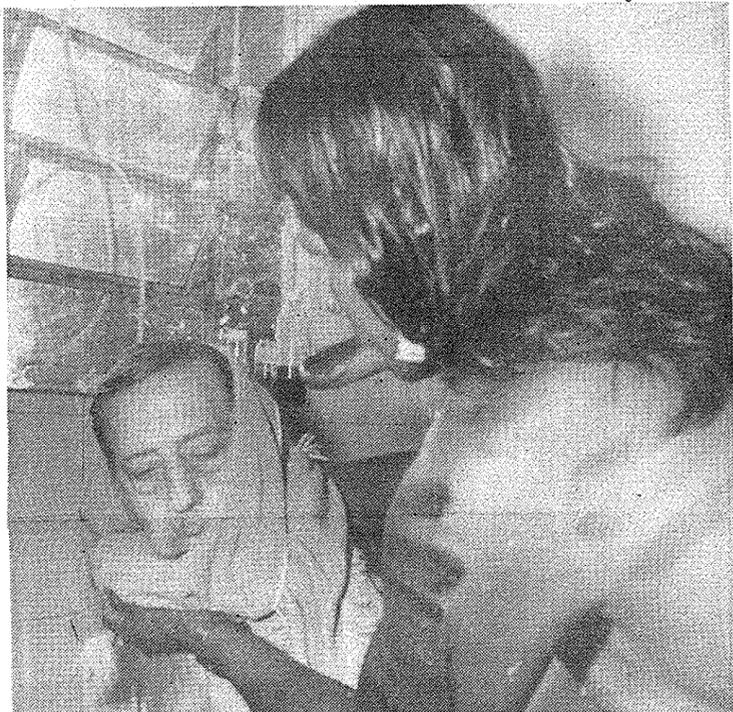
Convidou Raoni e Sapaim a irem a Santa Teresa, no interior capixaba, onde a família reside e Ruschi dirige o Museu Mello Leitão:

— Nós queremos que vocês sintam o quanto os consideramos importante para nós, convivendo um pouco com Ruschi, onde ele trabalha e defende a natureza.

Raoni e Sapaim aceitaram imediatamente porque a sua aldeia "está em paz".

— Na noite passada — disse Sapaim — eu sonhei indo até ela para ver todo mundo. E está todo mundo bem.

Foto de Rogério Medeiros



No último banho, Raoni usou uma cuia de coco e toalha marrom

Sarney seguiu o conselho do poeta

Luís Orlando Carneiro

Tudo começou na quarta-feira, dia 15, quando o presidente Sarney leu a crônica de Affonso Romano de Sant'Anna, intitulada "Ruschi: crônica de uma morte anunciada". Lembrando que os antigos já se precavam contra os sapos, e que "os índios acharam estranho que o sábio tocasse nos seres de onde eles tiravam veneno para suas flechas", o poeta-cronista conclamava o presidente a "vasculhar", onde quer que fosse, o antídoto para a peçonha do dendrobata. E escrevia, com aquele vaticínio de que só os poetas (ou vates) são capazes: "se nos laboratórios mais refinados não houver a droga, certamente nossos índios a têm. Se esses mesmos índios sabiam que o sapo era letal, sabem também o nome de uma raiz qualquer que, mastigada, diluí o veneno".

O presidente Sarney, que também é poeta, sensibilizado com o drama de Augusto Ruschi, não ligou para a Fundação Oswaldo Cruz, nem procurou nenhum cientista. Convocou o Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, a quem está subordinada a Funai, para investigar se os índios tinham mesmo algum antídoto. Afinal de contas — como diria depois o próprio Ruschi — não é comum ver índio morto por picada de cobra

venenosa, não havendo em nenhuma nação indígena um Instituto Butantã — que aliás não produz, há muito tempo, soro antiofídico em quantidade necessária para atender à demanda de um país tão grande e cheio de serpentes como o Brasil.

Na segunda-feira, por volta do meio-dia, o ministro Costa Couto estava reunido, em seu gabinete, com o cacique-pajé Raoni, com Megaron, administrador do Parque do Xingu, e mais sete outros índios.

Fumando o seu "cachimbo social", em forma de cone, Raoni olhou a ilustração de Ique para a entrevista de Ruschi, publicada no Caderno B do JORNAL DO BRASIL de domingo último. "Ele já tá com cara de sapo" — foi o primeiro comentário que fez.

Em seguida, foi respondendo, com a ajuda de sua "assessoria", às perguntas do ministro Costa Couto, que o cacique chama de nhambiquara (amigo). Sim, os índios conheciam muito bem o sapinho preto e amarelo. As crianças indígenas também tinham por eles a mesma atração que Ruschi e, às vezes, ficavam envenenadas. O remédio caseiro "era a atorokon, raiz que os pajés conheciam muito bem, como devem conhecer as ervas e raízes com que curam suas mazelas e enfermidades. Era só mandar um avião pegar as

raízes num dos postos indígenas do Xingu, mas aproveitar para apanhar seis crianças índias que estavam com malária (doença de branco). O avião em que tinha vindo Raoni — e ele reclamou com o ministro — era muito pequeno. "Uma canoa" — foi a expressão do cacique. A "canaoa" era um Sêneca. Costa Couto prometeu arranjar logo um avião maior, um Bandeirante, para trazer as crianças e os outros dois pajés que Raoni exigia para o tratamento-ritual. Ficou tudo combinado e Raoni e seu séquito foram almoçar no restaurante dos funcionários do Ministério do Interior.

O ministro Costa Couto foi logo tratar, com seu chefe de gabinete, Deusdedit Right de Aquino, de conseguir o avião. Mas era preciso saber, antes, se Ruschi estava disposto a tentar, senão a cura, pelo menos um lenitivo para o seu sofrimento.

Sabendo que o correspondente do JORNAL DO BRASIL no Espírito Santo, Rogério Medeiros, é muito amigo de Ruschi, o ministro mandou que o localizassem. No fim da tarde, a ponte feita, Ruschi disse ao ministro que aceitava a oferta ("é um fio de esperança que renasce"). E a "operação Ruschi" começou para valer, para espanto de todos, provavelmente até do ministro de Saúde, que não chegou a ser consultado sobre a ideia do poeta e cronista Affonso Romano de Sant'Anna.